

Jihadismo Global: A (In)Coerência de uma Estratégia de Subversão?

Felipe Pathé Duarte

Investigador Auxiliar do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

Resumo

O objectivo deste estudo passa por perceber as linhas estratégicas do movimento jihadista, e de que forma os acontecimentos subsequentes ao 11 de Setembro de 2001 influenciaram o percurso dessas linhas. Assumindo a incoerência e descontinuidade estratégica do Jihadismo Global, procurar-se-á identificar as causas externas e internas que levam (ou levaram) a essa impossibilidade no campo estratégico. Perante este último ponto analisar-se-á a maneira como o movimento tem tentado ultrapassar essa lacuna, sobretudo no que diz respeito às formas organizativas, doutrina de combate, e operacionalização da acção subversiva.

Abstract

Global Jihadism: The (In)Coherence of a Subversive Strategy

In this essay we will try to understand the strategic lines of the jihadi movement, and how the measures and responses to the September 11 attacks influence the course of these lines. Assuming the incoherence and the strategic lack of continuity of the Global Jihadism, we will try to identify the internal and external causes that pushed the movement for that impossibility in the strategic field. Concerning this, we will try to analyse the way how they have tried to overcome this gap, mainly regarding organization, warfare doctrine and subversive armed action.

Notas Introdutórias e Circunscrições Conceptuais

Antes de começar a abordar o tema, há um conjunto de conceitos, fundamentais para a localização do problema, que deverão ser delimitados. Muito embora não sirvam como definição intrínseca de determinado tipo de acção, ajudam, de uma forma extrínseca, à sua compreensão. Estes conceitos não são mais do que instrumentos que se revelaram fundamentais ao entendimento e circunscrição do problema de partida sugerido pelo título deste artigo.

O Islamismo

O islamismo contemporâneo de matriz sunita é aqui entendido como sendo uma forma de activismo político que, tal como o islamismo contemporâneo de matriz chiita (cujas representação máxima se reflecte na actual teocracia constitucional iraniana), visa a instauração de um Estado Islâmico. Neste sentido, opõe-se não só ao nacionalismo secular, vigente em alguns países de maioria muçulmana desde a segunda metade do século passado, mas também às concepções mais tradicionais do Islão que consideram a luta política um factor de somenos. Apesar dos seus ecos se terem feito sentir nos anos vinte com a associação da “Irmandade Muçulmana”¹ no Egipto, é a partir dos anos sessenta, com as teorias e escritos de autores como o paquistanês Syed Abul A'ala Maududi² e do egípcio Sayyid Qutb³, que a ideologia ganha corpo, força e vigor.

1 Em 1928, sob a influência de Hassan al-Bana (1906 – 1949), funda-se, no Egipto, a *Ikhwan al Muslimun*, ou “Irmandade Muçulmana”, convertendo-se num autêntico movimento de massas que captava a pequena burguesia urbana, recentemente alfabetizada, do Egipto. Impregnava-a de uma religiosidade extremista – lançando um repto contra a modernização do Islão, que se fazia sentir na altura, e que, segundo eles tendia a ocidentalizar os verdadeiros preceitos muçulmanos. A pedra angular do seu sistema ideológico era a fusão da sociedade, da cultura, do Estado e da religião, que tudo subsumia. Pelo que, o grande propósito da *Ikhwan al Muslimun* era transformar o Islão numa forma de vida total, que servisse de fio condutor para o indivíduo, para a comunidade e para a política. As suas acções pautavam-se pela rejeição de toda a contradição do Livro Sagrado; pela promoção da saúde do corpo e do espírito; pelo incremento da fraternidade entre muçulmanos; pela utilização da política como meio de disseminar a religião; e, por último, a construção de um Estado muçulmano. Vários grupos extremistas se formaram-se a partir de ramificações desta organização, sobretudo aqueles que deram origem a movimentos “jihadistas” no Egipto, na Palestina ou no Afeganistão. (Lia, 2006; Mitchell, 1993)

2 Cf. Maududi, Syed Abul A'ala; *Jihad in Islam*; Beirut: The Holy Koran Publishing House, 2006. O pensamento de Maududi está reunido em cerca de 120 obras, contudo, na nossa perspectiva, esta obra é aquela que melhor conceptualiza a sua ideia de *jihad* (sobre o pensamento de Maududi ver Adams, 1983; 99-133)

3 Cf. Qutb, Sayyid; *Milestones*; New Delhi: Islamic Book Service, 2001. Tal como o último autor, Qutb tem o seu pensamento explanado em inúmeras obras. Contudo, *Milestones* parece ser aquela que melhor corporiza o seu pensamento (sobre o pensamento de Qutb ver Haddad, 1983; 67-98; Moussalli, 1994)

De acordo com um relatório do *International Crisis Group* (nº 37, 2005), actualmente podemos identificar três formas distintas de islamismo. A primeira, de carácter mais político, engloba movimentos relativamente inseridos no jogo democrático, que aceitam o princípio do Estado-Nação, e procuram a reforma e mudança através da acção política. São exemplos deste activismo movimentos islâmicos politizados como a “Irmandade Muçulmana” no Egipto, o partido *Adalet ve Kalkınma Partisi* na Turquia, ou o *Parti pour la Justice et le Développement* de Marrocos.

A segunda forma de activismo islamista poderá ser caracterizada como tendo uma atitude missionária, pois engloba missões islâmicas de conversão, procurando assumir o papel de um farol de valores. Assim, promovem a virtude islâmica, lutam contra a corrupção da moral, fruto da fraqueza da fé. Não procuram o poder político, mas sim a perseverança da identidade islâmica. São exemplos a *Tablighi Jamaat* ou o *Salafiyya Movement*, ambos fundamentalistas e tradicionalistas, e de dimensão internacionalista.

A terceira forma já vai imbricar na espinha dorsal deste artigo. De acordo com o supracitado relatório, é aqui que entra a luta armada como forma de activismo islâmico, ou seja, o jihadismo.

Do Jihadismo ao Jihadismo Global – O Islamismo Violento

No que diz respeito a este ponto, reconhecemos uma dificuldade à partida. Esta prende-se com a dificuldade de classificação precisa de algumas correntes (e actores) violentas, que se inserem dentro do espectro conceptual do islamismo. Assumimos também que os termos utilizados para essa classificação partem do léxico árabe e são igualmente empregues discursivamente pelos actores do islamismo violento. Esta terminologia tornou-se vigente no seio da Ciência Política a partir dos anos 80, ajudando a classificar um fenómeno que, à luz da academia ocidental, parecia inclassificável porque incoerente e híbrido (Hegghammer, 2009: 244-266).

Estes termos têm um carácter mais religioso e neles está latente uma militância sacralizante que dá um fio condutor comum aos diversos grupos e actores que bebem do islamismo violento. Contudo, embora comuns da perspectiva teológica, tornam-se problemáticos porque nem todos os actores e grupos subsumidos a esta categoria partilham as mesmas preferências políticas. Estamos pois conscientes que o uso de uma terminologia específica de carácter cultural e religioso pode afastar a precisão da análise, “enclausurando” a acção e os actores no próprio conceito.

Por outro lado, fazer só uma abordagem analítica, com base nas preferências políticas e formas de luta violenta dos diversos grupos que, à partida, se encaixam

neste registo, é difícil. Isso implicaria uma categorização total de grupos (que constantemente mudam de preferências políticas) e esse não é o propósito deste estudo. Para além de que facilmente se misturam os meios e os objectivos, tornando toda e qualquer categorização incompleta.

Condicionados pela impossibilidade de determinar com precisão o peso da política e/ou da religião no islamismo, optaremos aqui por utilizar os dois métodos de definição conceptual: uma terminologia de carácter religioso que nos ajudará a perceber as origens intelectuais (religiosas e imutáveis) do movimento; e uma análise conceptual feita com base nas formas (estratégias a curto e médio prazo) e razões de luta dos diversos grupos violentos do espectro islamista⁴.

Abordagem Conceptual de Propensão Religiosa

O termo jihadismo, controverso, é relativamente novo quer no léxico islamista, quer no meio académico ocidental. Parte, naturalmente, do preceito Islâmico *jihad*⁵, que, de uma forma muito sucinta se poderá definir como sendo luta ou guerra pelo Islão. Aqui encontramos uma combinação de três princípios: o esforço individual de luta contra si mesmo; a luta pela expansão do Islão, logo a luta contra os infiéis e a luta contra o muçulmano que não está de acordo com o preceito islâmico; e a luta para seguir o caminho de Deus (Etienne, 1987: 186-187).

O conceito de jihadismo foi forjado no último quartel do século XX e reedificado sobre as cinzas da vitória *mujahedin* no Afeganistão. A partir dos ataques de 11 de Setembro, porque associado à violência islâmica sunita, assumiu, no

4 Dos diversos quadros de análise para categorização para o islamismo violento que encontramos em bibliografia secundária (Dekmejian, 1985; Wiktorowicz, 2006; Rubin, 1998), optámos pelo de Thomas Hegghammer (2009), por ser aquele que nos parece mais completo e consistente, e não misturar formas e objectivos de luta.

5 Os juriconsultos muçulmanos encararam a *jihad* como o requisito num mundo dividido entre *dar al-islam* (território islâmico, onde é aplicada a jurisprudência islâmica) e *dar al-harb* (território não islâmico, a morada da guerra). Nos diversos apelos à *jihad* está implícito que toda a comunidade islâmica tem a tarefa de expandir o *dar al-islam* pelo mundo inteiro, para que todos possam partilhar de uma ordem social e politicamente justa. Então, ao apelo da *jihad*, a resposta poderá ser individual ou colectiva, defensiva ou ofensiva. Os grandes teólogos islâmicos dividem a *jihad* em duas correntes: a *jihad* maior e a *jihad* menor. A primeira é a luta contra os inimigos da vida espiritual, a luta contra o mal e contra o egoísmo. É um esforço maioritariamente individual. A segunda, a *jihad* menor, é a luta armada contra os inimigos do Islão. É nesta corrente que o islamismo violento se revê. Da *jihad* menor, partem mais duas interpretações. Uma, colectiva, que circunscreve as acções de luta ao princípio da guerra regular, que poderá ser entre Estados, e da acção militar justa. Outra, individual e voluntária, que preconiza a luta de cada muçulmano contra a tirania do ocupante (sobre *jihad* violenta ver Cook, 2005; sobre a guerra de carácter islâmico ver Kelsay, 1993; Malik, 1979)

discurso mediático e acadêmico, uma forma de distinção dos militantes islamistas não-violentos. Sendo um neologismo, e não fazendo parte inerente da cultura e história do Islão, é-lhe dado pouco ou nenhum significado pela maioria dos muçulmanos.

Os jihadistas, ou professantes do jihadismo, não deixam de ser militantes islamistas incomodados com a “ameaça” da secularização da vida social e política dos países muçulmanos, motivada pela globalização e uma crescente ocidentalização dos usos e costumes islâmicos. Por estas razões, consideram-se o topo e a vanguarda do Islão (que é apontado como sendo a solução para todos os males que afligem a sociedade muçulmana). Então, sob a máscara de uma ética e de uma moral religiosa, estes militantes começaram a utilizar a violência contra todas as estruturas sociais, políticas e religiosas, visando a conquista de poder e a posterior re-islamização da sociedade, corrompida pelos valores ocidentais. Sendo que, por isso, passou a ser a melhor forma de, entre a comunidade acadêmica e especialistas em contra-terrorismo, designar os muçulmanos sunitas⁶ que utilizam a violência como forma de alcançar a vigência da sua política universalista. Contudo, este termo tem-se revelado insuficiente para caracterizar um movimento cada vez menos homogêneo e mais híbrido. As fracturas e debates internos dentro do movimento têm-se intensificado, traduzindo-se, na maior parte das vezes, numa disputa sobre o peso da doutrina religiosa *versus* a adopção de medidas de carácter mais pragmático (Brown, 2007).

Acentuando as nuances interpretativas, podemos ainda dizer que há dois motes inspiradores no jihadismo que, por herança intelectual, compõem o fio condutor. Há aquele que vem beber da “Irmandade Muçulmana”, que assume um maior pragmatismo político e cuja manifestação mais radical passa pela doutrina professada por Sayyid Qutb, e há outro que advém do Salafismo⁷, literal e puritano, insuflado pelo wahhabismo Saudita⁸, e cuja expressão mais radical se

6 Não deixa de ser interessante verificar que o termo é raramente utilizado por milícias extremistas de inspiração chiita como o Hezbollah, ou por alguns grupos ligados à insurreição palestina, como o Hamas.

7 O salafismo é um conceito demasiado complexo para aqui ser tratado, mas pode-se definir como sendo a imitação do *salaf*, ou “antepassados piedosos”, os chamados “antigos de Medina”, que eram os companheiros de Mohammed, considerados os seus seguidores mais fiéis. As correntes salafistas defendem as três primeiras gerações de muçulmanos (o Profeta, os seus companheiros e os primeiros califas) como autoridade principal e exemplos perfeitos do Islão. Assim, esta doutrina visava um regresso à tradição do Profeta. No fundo, pretende-se aplicar a todos o modelo idealizado da cidade do Profeta. (Wiktorowicz, 2006)

8 Wahhabismo é um movimento fundado por Mohammed Ibn Abd al-Wahhâb (1703-1792). É uma visão puritana e integrista do Islão sunita, que aposta na interpretação literal do Corão e

verifica no chamado salafismo-jihadista. Embora as heranças intelectuais divirjam, os fios entrelaçam-se. Contudo, podemos dizer que entre os qutbistas e o salafismo-jihadista há três grandes diferenças. Estes últimos são considerados mais extremistas e intransigentes que os primeiros⁹; tendem a assentar mais na doutrina religiosa (wahhabismo e salafismo) do que no pragmatismo político patente nos ensinamentos de Qutb e na prática da “Irmandade Muçulmana”; por último, na definição de inimigo e no raio de acção, os salafistas-jihadistas procuram ser mais internacionalistas e mais anti-ocidentais.

O salafismo-jihadista começa a ser idealizado e articulado por Abu Muhammad al-Maqdisi e por Abu Qatada al-Filistani, na Londres islâmica dos anos 90. Numa entrevista em 2002, ao jornal online *Minbar al-Tawhid wa'l-Jihad*, Maqdisi descreve o salafismo-jihadista como sendo um movimento que combina o apelo à unicidade de Deus e à *jihad* em sua causa, e como um movimento global, não étnico nem nacional, que não pactua com a tirania. Condena a luta político-partidária, por não ser de acordo com a *Sharia* (lei islâmica), afirma a subsistência do movimento pela existência e experiência proveniente de diversas frentes jihadistas – Afeganistão, Bósnia, Chechénia... – (MacCants, 2006: 172-173).

Este termo começa então a ser rótulo para descrever uma corrente de pensamento que, partindo do jihadismo (doravante “jihadismo clássico”) procura a aplicação da *sharia* e considera a *jihad* (defensiva¹⁰) como sendo uma obrigação de qualquer muçulmano, visando a deposição de líderes considerados apóstatas

da *Sunnah*. Como elemento fundamental da sua teologia temos a unicidade de Deus (*tawhid*). Munido de um “pragmatismo teológico”, Ibn Abd al-Wahhâb ajustou o proselitismo religioso ao poderio político-militar. Associou-se, então, a Ibn Saud, chefe tribal da casa Saud, formando uma espécie de movimento político religioso. O pregador juntara-se ao combatente. Utilizando como bandeira este movimento religioso, os Saud conquistaram as tribos dos desertos da Arábia, convertendo-as a esta tendência islâmica, e apoderaram-se de Meca e de Medina. A casa Saud ainda hoje se mantém na Arábia Saudita, num controverso governo político-religioso (Sourdel, 1996: 847-848).

9 Estamos conscientes da fragilidade destas “diferenças”, que não se esgotam, nem se fecham em si, provando, uma vez mais, a dificuldade de circunscrição analítica do tema. A precisão falha, por exemplo, na primeira diferenciação. Basta atentarmos ao grau de violência do já citado GIA, um grupo que não se insere nesta vertente, mas cuja intransigência e radicalismo foram marcantes, chegando alguns proselitistas do jihadismo-salafista a criticar abertamente essa violência, como foi o caso de Qatada e Hamza, ou o próprio Osama Bin Laden (Nasiri, 2006: 271-275). Quanto à segunda diferenciação, nas declarações salafistas-jihadistas podemos encontrar com frequência citações de autores associados à “Irmandade”, como Qutb, Faraj, Azzam ou o mais citado de todos, o teólogo do séc. XIII Ibn Taymiyyah (MacCants, 2006), sendo que, talvez por isso, há ainda quem considere os revolucionários jihadistas dos anos 70 como salafistas-jihadistas ou o salafismo-jihadista como sendo uma fusão entre o qutbismo e o salafismo.

10 Ver nota 5.

(*takfir*) e permitindo moralmente a morte de civis, e legitimando o martírio/ataque suicida (*shahid*).

O que se apresentou, de uma forma muito sucinta, foi uma definição de carácter mais religioso totalmente desprovida de significação política, que, a montante, servirá de lastro conceptual para o que se chama de Jihadismo Global. Posto isto, podemos então caracterizá-lo como sendo um corpo ideológico, poroso e híbrido, que sustém a acção da *Al-Qaeda* e Movimentos Associados (AQMA). Nesta perspectiva, diverge do jihadismo dito “clássico”, nomeadamente no que diz respeito à definição de inimigo: passou de um inimigo local, focado em países maioritariamente muçulmanos, para um inimigo de carácter mais global e distante, encabeçado pelos Estados Unidos da América (EUA) – o “grande Satã” – e aliados.

Abordagem Conceptual de Propensão Política

Embora sedutores, os conceitos de carácter religioso têm limitações no que diz respeito à circunscrição do objecto em análise, o Jihadismo Global, correndo-se o risco da ausência de significado. Quando se diz que um jihadista se tornou salafista (ou vice-versa) nada se sabe acerca do seu inimigo ou da sua forma de luta (Hegghammer, 2009: 256-257).

Assim, com base em autores como Gerges (2005), Hegghammer (2009), Kepel (2002) ou Wiktorowicz (2006), conseguimos caracterizar o islamismo violento (por forma a poder isolar e chegar à definição do nosso objecto de estudo) partindo do comportamento político de alguns dos grupos militantes. Tal divisão tem/teve duas premissas – as declarações (divulgação) e as formas de acção.

Assim sendo, de acordo com os objectivos e motivações políticas, podemos encontrar três categorias-tipo de islamismo violento: uns que visam a alteração da organização sociopolítica de um determinado Estado (revolucionários/reformistas); outros que procuram estabelecer uma soberania num determinado território ocupado por não-muçulmanos (irredendistas/nacionalistas); e por último aqueles que procuram defender a comunidade virtual Islâmica – *Ummah* – de ameaças externas (pan-islamistas). Estes objectivos são, acima de tudo, a curto e médio prazo.

Para esta abordagem puseram-se de parte as metas utópicas e vagas – a vigência do Califado Universal, a predicação total de Allah¹¹ ou a libertação dos povos muçul-

11 De acordo com o Sheik Azzam (2001), fundador da MAK, que mais tarde dará origem à *Al-Qaeda*, “A Jihad só pode ser abandonada quando só Allah for louvado. Jihad continua até que a Palavra de Allah seja elevada bem alto. Jihad até que os povos oprimidos sejam libertados. Jihad para proteger a nossa dignidade e recuperar as nossas terras ocupadas. Jihad é o caminho para a

manos subjugados pelos valores ocidentais. Foram então apontadas as razões pelas quais são, à partida, estabelecidas estratégias, prioridades, delimitação do inimigo (obstáculo à prossecução destes objectivos) e sobre quem a violência é utilizada. Mas há que ter em conta que a maior parte dos grupos e actores que se inserem neste quadro interpretativo apoiam incondicionalmente a causa palestiniana e têm uma certa hostilidade relativamente aos EUA.

No primeiro caso temos/tivemos activistas que militam/militavam contra Estados maioritariamente muçulmanos, que não governam de acordo com os preceitos islamistas, e por isso são considerados ilegítimos, e em alguns casos, apóstatas (*takfir*). De acordo com Fawaz Gerges (2005: 43-79), a *jihad* era declarada contra um inimigo próximo. São exemplos deste activismo sócio-revolucionário grupos como os argelinos *Group Islamique Armée* e o *Group Salafist pour la Predication et le Combat*, ou o grupo “*Jihad Islâmica do Egipto*”.

O segundo caso, dos nacionalistas religiosos, tem como forma de manifestação a insurreição violenta. Luta-se por um território específico (acreditando na sua pertença por direito) que se encontra ocupado ilegitimamente por uma potência não-muçulmana. São exemplo grupos como os palestinianos Hamas, os indianos *Lashkar-e-Taiba* ou o grupo de insurreição dos *Mujaheedin* da Chechénia. A luta ainda continua localizada numa geografia específica e o inimigo continua próximo.

Por último, temos uma configuração de islamismo violento que tem como objectivo a “protecção” da *Ummah*. Como forma de manifestação poderá assumir a versão “clássica” ou global do jihadismo. No primeiro caso a forma de actuação poderá ser em frentes de combate, onde há uma ameaça declarada e definida por ataque directo. No segundo, partindo de uma justificação moral mais abrangente, a frente poderá ser em qualquer parte do mundo. O inimigo aqui passou de local e próximo a global e distante, tendo como representação máxima os EUA e aliados. É exemplo desta forma de islamismo violento a AQMA.

Ou seja, temos uma *jihad* que passou de um campo de acção local, para um campo de acção global, tendo como vértice, até ao momento, os ataques de 11 de Setembro de 2001. Tal como na outra abordagem de carácter teológico, o mote para esta mudança foi um inimigo que se tornou mais distante e mais global.

Muito embora partamos do princípio de um tipo ideal de jihadismo, através da circunscrição do inimigo, facto é que, actualmente, sobretudo depois de 2001,

glória eterna.”(tradução livre do autor de acordo com tradução do original em língua inglesa – *Jihad must not be abandoned until Allah alone is worshipped. Jihad continues until Allah’s Word is raised high. Jihad until all the oppressed peoples are freed. Jihad to protect our dignity and restore our occupied lands. Jihad is the way of everlasting glory*”[Azzam, 2001]).

assistimos a uma certa miscigenação da definição de inimigo e razão de luta. Como forma de sobrevivência, a *jihad* global, ao nível da retórica e do comportamento, tende a uma aproximação cada vez maior a movimentos locais de rebelião jihadista (e vice-versa).

Com estes dilemas epistemológicos pretendemos apontar a perigosidade da excessiva categorização de um movimento fluido, que, por natureza, é dinâmico e idiossincrático. Por outro lado, serve também para indicar que o movimento não vive exclusivamente de preferências socioeconómicas, complementa-as com uma certa dimensão religiosa – a ideologia que o fundamenta é, portanto, religiosa e política.

Al-Qaeda e Movimentos Associados (AQMA)

Assumimos a *Al-Qaeda*, e os diferentes movimentos associados, como sendo o expoente máximo do Jihadismo Global. Contudo, não há consenso entre os diversos analistas do mundo ocidental quanto à definição do que é a *Al-Qaeda*.

A um nível mais macro, a principal divergência está relacionada com facto de se identificar, ou não, uma estratégia racional por detrás do uso da violência por parte da AQMA. Há um grupo de autores que procura identificar as componentes não instrumentais do movimento, assumindo, com base nesta configuração, que o comportamento operacional não passa por um planeamento estratégico, assentando, por isso, num irracionalismo religioso, num fanatismo e numa cultura do martírio (Appleby, 1999; Cozzens, 2007; Juergensmeyer, 2001; Paz, 2002). Por outro lado, existem aqueles que se referem à acção da AQMA como sendo o fruto de uma escolha racional que instrumentaliza a violência, visando fins que foram delineados estrategicamente (Brachman e McCants, 2006; Brachman, 2009; Crenshaw, 2007; Habeck, 2006; Hoffman, 2007; Lia e Hegghammer 2004; Pape, 2005).

A um nível mais preciso, as grandes divergências, que também são reflexo da cisão macro, prendem-se com questões de estrutura organizacional. Logo a seguir aos ataques de 11 de Setembro, houve autores que se referiram à AQMA como sendo uma organização hierárquica, com uma cadeia de comando e controlo bem definida, organizada em teia, tendo no centro Osama Bin Laden, e estando ladeada por células adormecidas (Williams, 2002; Gunaratna, 2004). Outros, uma organização baseada numa estrutura em rede, e planeada como se de um *franchising* se tratasse – em vez da planificação, caberia à liderança o apoio, logístico e moral das operações (Bergen, 2001). Há ainda quem descreva a AQMA, não como uma organização, mas como um sistema ou uma “cobertura” ideológica (Guedes, 2007; Sageman, 2004, 2008).

Não obstante as diferentes perspectivas, há que ter em conta que a AQMA representa um vasto número de indivíduos, de diferentes grupos étnicos, com diferentes experiências e formas de luta, mas com um projecto metapolítico¹² (de matriz religiosa) comum.

De forma a superar a dicotomia inicial (estratégia racional vs. irracionalismo religioso) optámos por estabelecer uma ponte entre os dois pólos analíticos. Partimos então de um certo dualismo da AQMA. Não obstante a essência desta análise residir na procura de uma coerência estratégica de um movimento que tem a AQMA como vanguarda (o que em si já implica a assunção de uma dimensão racional e instrumental da violência), não poremos de parte o carácter expressivo e existencial, logo não-instrumental (Coker, 2002), das suas acções. Contudo, procuraremos ter os pés mais assentes na primeira margem, já que o pilar epistemológico do artigo nasce naquilo a que se chamam “Estudos Estratégicos Jihadistas”. Este termo foi introduzido na academia ocidental por Lia e Hegghammer (2004) para designar a tarefa de análise de conteúdo de textos jihadistas, de maneira a perceber o pensamento estratégico da liderança da AQMA e o futuro do jihadismo global.

Ao nível da estrutura organizacional basear-nos-emos em Bruce Hoffman (2006) para poder afirmar que é possível identificar quatro formas de existência da *Al-Qaeda* (o que nos vai permitir utilizar a expressão *Al-Qaeda* e Movimentos Associados). Uma primeira, a chamada *Al-Qaeda* Central, cuja estrutura advém do período pré-11 de Setembro, tem uma cadeia de comando e controlo bem definida, e tem como espaço geográfico de localização a zona que compreende a fronteira do Paquistão com o Afeganistão. Há uma segunda forma de existência que compreende as organizações associadas e afiliadas à *Al-Qaeda* – são normalmente grupos de insurreição islamista que, fundindo agendas e causas de luta, procuram assistência material e/ou “teológica” do movimento, “glocalizando-se”¹³. Como terceira forma, há que considerar também os membros de células locais (com ou sem experiência de combate) que podem ter, ou não, uma ligação directa com a *Al-Qaeda*¹⁴. Por último, existem aqueles que agem pela chamada *Al-Qaeda Network*, sendo a maioria

12 Por metapolítica entendemos uma perspectiva mundividente que nasce para além da política e se constrói sob princípios considerados absolutos, pautando toda a sua representatividade pela intransigência, pelo fundamentalismo e por vezes pela violência. Com isto não se quer dizer que metapolítica é apolítica, mas apenas que a política que a guia se fundamenta em formas culturais e/ou religiosas que não admitem a possibilidade negocial ou, em casos mais extremos, a possibilidade existencial de outros que não os professantes.

13 Por exemplo, os já referenciados *Group Salafist por la Predication et le Combat* e *Laskar-e-Taiba*, ou o Movimento Islâmico do Uzbequistão ou a *Jemaah Islamiya*.

14 Por exemplo alguns antigos membros de células do *Group Islamique Armée* ou os quatro bombistas do 7 de Julho de 2005, em Londres.

radicais recentemente convertidos que, não tendo uma relação directa, se inspiram na *Al-Qaeda*¹⁵. É por esta última forma de existência da *Al-Qaeda* que, associada a uma radicalização islâmica de carácter violento, que se tem vindo a sentir no Ocidente em geral e na Europa em particular, perpassam as chamadas *self-starters cells* (pequenos grupos sem ligações à *Al-Qaeda*, que agem por conta própria) e o *home-grown terrorism* (veja-se, por exemplo Precht, 2007).

A (In)Coerência da Estratégia Subversiva

Para abordar este assunto não podemos deixar de lado Max Weber que, de uma forma quase tautológica, associa o Estado ao controlo da violência¹⁶. Naturalmente que, num período em que a economia e a política estão cada vez mais globalizadas (reduzindo o papel centralizador do Estado) e que as Relações Internacionais se vão também definindo através de actores não-Estatais, Weber parece-nos reduzido ao anacronismo – mais ainda se entrarmos pelo campo das chamadas “guerras de 4ª geração” (Hammes, 2004).

Porém, citamo-lo porque encaramos formalmente a subversão como sendo a acção contra este conceito weberiano *par excellence*. Lembramos, pois, que uma estratégia de subversão visa a corrosão de um poder soberano, formal e legítimo (o que define essa legitimidade não cabe aqui ser explanado), através do uso, ou não, da violência física. Neste caso o monopólio da violência deixa de estar na mão do Estado, passando para outros actores com diferentes estruturas formais, pondo em causa a legitimidade desse mesmo poder e, na maior parte dos casos, apresentando um outro. Assim sendo, podemos partir de Raymond Aron (2003, p. 525) quando diz que a subversão passa por:

Suscitar e atizar o descontentamento das populações, pelo incitamento das massas contras os seus governos, pela provocação ou exploração de motins, rebeliões ou revoltas, de forma a enfraquecer os Estados rivais (...) Para o sucesso completo são precisas determinadas condições: no Estado atacado, as massas deverão

15 Por exemplo a célula de *Hofstad* que, na Holanda, assassinou o realizador Theo van Gogh.

16 Em 1919, Weber afirmava que: “devemos dizer que o Estado é a forma de comunidade humana que (com sucesso) reivindica o monopólio legítimo da violência física dentro de um determinado território (...) O Estado é considerado como a única fonte legítima para o uso da violência.” (tradução livre do autor de acordo com tradução do original em língua inglesa – “We must say that the state is the form of human community that (successfully) lays claim to the monopoly of legitimate physical violence within a particular territory (...) The state is regarded as the sole source of the ‘right’ to use violence.” [Weber, 2004: 339]).

estar insatisfeitas e as minorias prontas para acção, de acordo com os temas ideológicos propagados pelos revolucionários (...)¹⁷.

Há também que ter em conta a diferença entre subversão e guerra subversiva. De acordo com Garcia (2007: 114), a subversão nem sempre leva à guerra subversiva, mas antecede-a e acompanha-a. A guerra subversiva é aqui encarada como sendo a continuação da subversão (política), mas de uma forma violenta¹⁸.

Neste sentido, encaramos o Jihadismo Global como uma fórmula (político-religiosa) que visa a conquista de poder, através da corrosão subversiva do poder formal e na maior parte das vezes utilizando a violência. Sendo um fenómeno abrangente, neste estudo entendemos a subversão como um conceito integrador de diversas estratégias violentas de corrosão do poder formal. São, portanto, guerras do foro político (Smith, 1989: 3), que, pelo desgaste prolongado do *status quo* vigente, procuram o estabelecimento de uma nova ordem.

É um facto que, se partirmos dos cânones da estratégia subversiva, bem patentes nas guerras revolucionárias e de libertação da segunda metade do século XX, encontraremos mais diferenças do que semelhanças. Mas, se atentarmos mais às semelhanças, veremos que, no seu âmago, a subversão permanece inalterável, tendo apenas evoluído, ao que parece, a forma de a levar a cabo.

De uma maneira muito sucinta podemos então afirmar que a subversão no Jihadismo Global tem como força motriz uma determinada versão do islamismo, a modificação da actual ordem internacional (estabelecimento do Califado no mundo muçulmano), a governação pela *sharia* e a transformação da sociedade muçulmana. Como objectivos intermédios, tem a retirada das forças ocidentais de lugares muçulmanos e a extensão da luta aos países de governo secular da região (e a consequente substituição das suas lideranças) – no fundo, dominar os Estados.

Utilizando uma lógica do conflito assimétrico, este movimento tem como instrumentos fundamentais a insurreição e o terrorismo¹⁹. Esta afirmação prende-se

17 Tradução livre do autor de acordo com tradução do original em língua inglesa – “*Planting the spark or fanning the flame of discontent in people, in inciting the masses against their governments, in provoking or exploiting riots, rebellions or revolts, in order to weaken rival States (...) For complete success it needs certain definite conditions: in the state attacked, the masses must be dissatisfied and the minorities ready to take action in sympathy with the ideological themes propagated by the revolutionaries (...)*” (2003: 525).

18 Guerra subversiva, de acordo com a doutrina militar do exército português é a “*luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e reforçados ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua acção*” (Estado Maior do Exército, 1966: 1).

19 Tanto a insurreição como o terrorismo são duas formas de acção extremamente difíceis de definir, não havendo consenso quanto à melhor forma de o fazer. Ambas têm semelhanças,

com as formas de operacionalização violenta que o Jihadismo Global assume, nomeadamente através da AQMA. Estas formas foram-se alterando, diversificando-se consoante o inimigo, a geografia e a estrutura organizacional do grupo que as leva a cabo. Por exemplo, no que diz respeito a este último ponto, se atentarmos à sua dimensão, via *Al-Qaeda* Central, podemos aí encontrar cerca de uma centena de aderentes (padrão estrutural de uma organização terrorista). Contudo, nos campos do Afeganistão treinaram aproximadamente duas dezenas de milhar de potenciais *mujahedeen* que se espalharam pelo mundo (padrão estrutural de movimento de insurreição).

Para além desta *décalage*, temos ainda a flexibilidade de uma estrutura organizativa e grupal que permite que em países onde não há frentes de combate jihadistas abertas, como os países ocidentais, a operacionalização se traduza em acções terroristas (operações encobertas em espaço urbano). Mas onde há espaço para intervenção política e frente de combate aberta, como no Afeganistão ou no Iraque, a operacionalidade assenta mais na insurreição – operações de carácter militarizado, utilizando tácticas de guerra não convencionais, das quais o terrorismo também faz parte (Byman, 2006: 85-87; Kilcullen, 2005: 597-617; Morris, 2005; Shultz, 2008; Merari, 1993).

Neste estudo pretendemos então aprofundar as diversas adaptações estratégicas e, conseqüentemente, as operacionais, levadas a cabo pelo movimento Jihadista Global. E com este enquadramento tentaremos demonstrar que, enquanto movimento subversivo, esta vertente da *jihad* resvala mais para uma acção insurreccional do que para uma acção terrorista. Apontadas já algumas diferenças estruturais entres as duas formas de combate, acrescentaremos outras, mais ao nível da Teoria

nomeadamente no uso da violência e do terror, e são utilizadas mutuamente por diversos grupos, mas têm origens e objectivos diferentes. A principal separação reside não só no elemento “construtivo” da violência – a insurreição vê na violência uma complementaridade política (sobretudo através de apoio popular), no terrorismo a violência tem um carácter mais destrutivo e aniquilador – mas também na estrutura organizativa, celular para o terrorismo, militarizada para a insurreição. Assim, de acordo com Bard O’Neil, podemos definir esta última táctica como sendo uma forma de luta entre “um grupo não dominante e as autoridades no poder, e na qual o grupo não dominante usa conscientemente recursos políticos (por. ex., conhecimentos organizacionais, propaganda e manifestações) e violência para destruir, reformular ou manter uma legitimidade de um ou de mais aspectos políticos.” (tradução livre do autor, no original: “*nonruling group and the ruling authorities in which the nonruling group consciously uses political resources (e.g., organizational expertise, propaganda, and demonstrations) and violence to destroy, reformulate, or sustain the basis of legitimacy of one or more aspects of politics*” [O’Neil, 1990: 13]). Por terrorismo, entendemos uma forma de acção que usa a violência (ou a ameaça do uso de violência), destinada a produzir um sentimento de terror, ou insegurança, numa colectividade humana não beligerante, normalmente levada a cabo por um grupo organizado, e tendo sempre como força motriz uma estratégia de relação ideológico-política (Duarte, 2007: 85-90).

Política e Polemologia. Porém, para que tal seja levado a bom porto, precisamos de um quadro conceptual que nos permita perceber melhor o jogo sociopolítico que nos levou a esta questão – Jihadismo Global como movimento subversivo global, que tem como principal forma de acção a insurreição e não o terrorismo. Esse instrumento foi encontrado na “Teoria dos Movimentos Sociais” e através de Michel Wieviorka (1988 e 2009).

De acordo com este autor, os grupos terroristas são/estão alheios aos movimentos sociais que os geram e à sociedade em geral. Segundo Wieviorka, entre o movimento social e o terrorismo, há uma etapa denominada de “anti-movimento social”. Nesta etapa, os movimentos têm na violência a principal forma de acção. Não a encaram apenas como um fim em si e mantêm alguma ligação sociopolítica com o movimento de onde surgiram. Defendem também noções políticas mais abstractas, longe das reivindicações reais do movimento social de onde partiram, caindo na utopia e na radicalização, impedindo, por isso, toda e qualquer forma de negociação política. Mas, quando a ligação (com o movimento social) se dissolve, há um processo de inversão: perde-se razão política e a violência torna-se um fim – passam a movimento terrorista. Esta inversão traduz-se na desconexão quase total das raízes ideológicas, no uso duma violência quase niilista e na ausência de lucidez política por parte dos perpetradores das acções de terror (Wieviorka, 1988: 3-24).

Daqui podemos facilmente deduzir que um “anti-movimento social” é fonte de subversão e insurreição. Porém, há que ter em conta que ainda há uma ligação à estrutura ideológica organizada, uma procura de apoio populacional e uma instrumentalização da violência, que faz parte de uma estratégia bem definida. Por isso, neste sentido, não assumimos o Jihadismo Global nem como movimento social, nem ainda como movimento terrorista. Está compartimentado entre os dois.

No que diz respeito ao primeiro caso (movimento social), como explicámos anteriormente, o Jihadismo Global descolou-se do islamismo e do jihadismo “clássico”. Afastou-se do combate político, radicalizou-se, advoga uma utopia e é agressivo e violento contra os supostos obstáculos ao seu fim. Não visa a possibilidade de negociação. Há também que ter em conta que a própria popularidade do movimento entre os muçulmanos e a ainda relativa condenação por parte dos clérigos sugerem alguma ligação ao movimento social, que, neste caso, pode ser entendido como o islamismo. Não há portanto um divórcio efectivo com a população que o movimento diz representar.

No segundo caso (movimento terrorista), podemos verificar que ainda não foi feita a inversão na totalidade, muito embora existam diversos casos em que o movimento se estruturou como organização terrorista (nomeadamente depois do 11 de Setembro e em alguns países em que não havia frente de guerra aberta). A

acção terrorista leva a um isolamento social, moral e político, fruto da alienação da realidade e do uso da violência não como meio, mas como um fim em si (aqui, ser meio ou fim não é sinónimo de graduação de intensidade).

Por outro lado, como suporte desta argumentação, não podemos esquecer que, e agora numa linguagem clausewitziana, o centro de gravidade não é geográfico, mas reside na própria ideologia (sobre a ideologia como “centro de gravidade” do Jihadismo Global veja-se por exemplo Echevaria, 2003; e VVAA, 2006). Trava-se aqui uma guerra de ideias, não só contra os valores ocidentais, mas também – e sobretudo – contra os muçulmanos moderados. Sendo que esta violência é desencadeada em nome de uma comunidade virtual, precisa dela para sobreviver – via apoio moral ou logístico e como base o recrutamento. Basta lembrar que a famosa analogia maoísta, que diz que o guerrilheiro deve andar entre a população como peixe na água, aparece repetidamente na literatura jihadista (Stout *et al.*, 2008: 127-128). A título de exemplo podemos referir os trabalhos de al-Qurashi e al-Muqrin²⁰, cujas raízes são tipicamente maoístas.

Temos então o Jihadismo Global como “anti-movimento social” (na linguagem de Wieviorka), subversivo e insurreccional. Porém, parece não haver um programa de *day after* político bem definido da parte do Jihadismo Global. Com efeito, até ao momento, tirando algumas zonas de refúgio da *jihad*, ainda não foi conseguido um Estado Islâmico de acordo com os seus preceitos islamistas, tal como foi conseguido, mas de uma outra forma, no Irão, no Sudão ou no Afeganistão talibã. Como obstáculos ao cumprimento desse objectivo temos, de um lado, a acção decisiva da Guerra Global ao Terrorismo (GGT)²¹. E de outro, temos uma grande estratégia metapolítica emissora de princípios absolutos e intransigentes que assenta numa violência sem limites²².

Assim, resultado de um ou dos dois cenários, facto é que o movimento do Jihadismo Global tem demonstrado ser um mau exemplo de *state building*. E se atentarmos, por exemplo, num dos pais fundadores do movimento jihadista, o Sheik Azzam²³, podemos inferir que o movimento se sustenta nessa mesma

20 Abu Ubayd al-Qurashi – pensador proeminente do pós-11 de Setembro, desaparecido em 2004 – colaborava na revista online *al-Ansar*. Abd al-Aziz al-Muqrin – antigo líder da *Al-Qaeda* na Península Arábica, fundou a revista online *al-Battar Camp*, morto em Junho de 2004. (MacCants, 2006: 282 e 292).

21 Por Guerra Global ao Terrorismo entendemos a campanha lançada pelos Estados Unidos da América, sob a Presidência de George W. Bush, com o apoio da NATO, do Reino Unido e de outros países. A campanha foi lançada em resposta a 11 Setembro de 2001 e os ataques tinham o objectivo declarado de eliminar o terrorismo internacional.

22 Contudo, esta violência não está para além do “pragmatismo” político: subordina-o a uma outra dimensão.

23 Cf. nota 11.

inexistência. Partindo deste pai fundador, pode-se dizer que o jihadismo desenvolve a ideia niilista de um estado de guerra permanente – ideia bem patente em Trotsky – e de destruição em grande escala, pois à partida o Califado Universal nunca será alcançado num tempo próximo.

Temos então no Jihadismo Global um movimento subversivo, que assenta numa estratégia de insurreição global para alcançar os seus fins, que dificilmente são vingados fruto da sua essência metapolítica. Esta condição “essencial”, como veremos adiante, impede o gizar de uma estratégia de insurreição coerente e efectiva, facto que foi sentido no movimento sobretudo depois nas respostas aos ataques do 11 de Setembro de 2001.

Resta saber de que forma o Jihadismo Global tenta ultrapassar essa incoerência, ou até, em alguns casos, ausência de estratégia. Sabemos, pois, que se trata de uma componente fundamental que afecta a combinação entre a vontade política (ou metapolítica) e a operacionalidade. Não é suficiente apenas a existência de uma componente ideológica que sirva de guia. É preciso gizar uma operacionalidade que catalise os ódios e estabeleça uma ponte com a grande estratégia (ou a componente ideológica, fundamentada numa metapolítica). De outra forma, os ódios poderão levar a rebeliões desorganizadas e a ideologia sem estratégia a acções terroristas. Pretendemos então analisar e perceber de que forma é que a estratégia subversiva do Jihadismo Global afecta a combinação entre a tal dimensão metapolítica e operacionalidade. Aproveitando, uma vez mais, a linguagem clausewitziana (Clausewitz, 2008: 36), a chave passa por perceber de que forma a violência intrínseca à guerra e a criatividade dos estrategas se articulam com a política (metapolítica) muito pouco racional dos decisores do movimento.

A violência pode aqui ser atribuída à catalisação do ódio dos apoiantes do movimento e à forma como a efectivam. Tendo como ponto de partida a assimetria de combate, há uma potenciação da dimensão simbólica e instrumental dessa violência. Essa violência tem como pano de fundo questões como a desmilitarização do uso da força, o aumento da letalidade, a crescente capacidade destrutiva (possibilidade de uso de armamento de destruição em massa), ou a instrumentalização do martírio.

Na senda da trindade de Clausewitz (2008: 36), podemos dizer que a criatividade estratégica é o ponto fundamental do esboço que temos vindo a traçar. Tendo sempre em conta a metáfora dada pelo autor da guerra como camaleão, alertamos agora para as linhas estratégicas que o movimento tem vindo a adoptar para a prossecução da sua vitória – tendo sempre em conta a acção da GGT e a quase ausência de uma racionalidade política (o terceiro elemento desta trindade, já explanado

em parágrafos anteriores deste artigo). As linhas que se seguem prendem-se com algumas considerações a esse respeito.

Depois dos famigerados atentados de 11 de Setembro de 2001 e da GGT, houve como que uma mutação, ou talvez uma primeira conceptualização estratégica por parte do movimento Jihadista Global, e, consequentemente, da AQMA.

Durante os anos 90, a estrutura na qual este movimento assentava permitia uma comunicação mais ou menos estável entre os diversos patamares doutrinários e operacionais. Para além deste ponto, há também que ter em conta a ainda não globalização das suas acções, bem como uma maior circunscrição geográfica, e, também por isso, organizacional. Subordinava-se a uma cadeia de comando e controlo com uma cúpula perfeitamente identificada e localizada, onde, formalmente, se conceptualizaria e coordenavam estratégias colectivas e acções tácticas.

Paralelamente ao abalar das estruturas de comando e controlo, assistiu-se a um aumento do número de declarações públicas por parte da suposta liderança da AQMA, via *internet* ou transmissões televisivas. Tal facto deveu-se à necessidade de criar uma coerência estratégica. Muito embora antes da GGT não a houvesse (por motivos que não cabem aqui serem desenvolvidos), a comunicação facilitada permitia que a vertente operacional agisse de acordo com uma estratégia construída mediante as acções (Lia, 2009: 1-2).

O facto de se assumir que tem havido uma adaptação, leva-nos a crer que houve uma estratégia-tipo que esteve na origem daquela a que aqui nos referimos. Porém, fazendo *jus* à honestidade intelectual, convém referir que não partimos de tal princípio. Com efeito, partimos do princípio que houve sempre uma grande estratégia, que permanece inalterável desde que a *jihad* violenta se começou a teorizar (há cerca de 40 anos), e que havia uma táctica que assentava em cambiantes variáveis. O movimento Jihadista Global é, como vimos, relativamente recente. E a unificação das diversas estruturas que bebiam dessa grande estratégia, ainda mais recente é. Assim, temos então uma AQMA que aparece como potencial (e possível) pólo catalisador desses movimentos.

Em primeiro, pela dimensão organizativa que, até aos ataques de 11 de Setembro, permitia treino, formação, doutrina, e conceptualização estratégica para uma vitória bem definida. Com estes factores conseguiu reunir em si grande parte das estruturas (mais ou menos organizadas), ou indivíduos, que se inspiravam numa *jihad* que parecia ganhar forma em direcção a um movimento de subversão global.

Em segundo, pela facilidade de transmissão dos princípios norteadores e da estratégia latente, esta acção era feita de duas formas: uma comunicacional e outra representacional. A primeira, assentava numa cadeia de comando e controlo bem definida, sendo que o operacional estava em sintonia com a cúpula decisora. A

segunda, de carácter mais simbólico, procurava unificação e adesão através duma representação do carácter ideológico patente na grande estratégia. Esta transmissão era feita essencialmente através de acção armada²⁴.

Em 2001, Ayman al-Zawahiri escreve “Cavaleiros sob a Bandeira do Profeta”, onde se definem melhor os rumos e direcção do Jihadismo Global, destacando, por exemplo, a necessidade de uma base territorial islâmica no seio do mundo árabe (Keppel e Millelli, 2009: 103-206). Aqui já podemos encontrar uma articulação entre uma estratégia político-militar da AQMA e as suas prioridades operacionais. Contrariamente às declarações de 1996 e 98²⁵, mais globais, al-Zawahiri circunscreve-se ao Mundo Islâmico e à necessidade de derrotar os governos seculares que não governam de acordo com a *Sharia* – especifica o inimigo. De acordo com a obra de al-Zawahiri, o controlo territorial surge como base de libertação de outros territórios islamizados e como liderança na reconstituição do Califado. Para tal, a batalha ter-se-á que globalizar e os ataques deverão incidir nos interesses ocidentais no mundo islâmico. Zawahiri refere ainda a urgência de união de todos os movimentos jihadistas. Destaca também a necessidade de novas formas de ataque que se deverão assumir para infligir maiores perdas ao inimigo, enaltecendo sempre o princípio do martírio. Aqui, começa também a ser incentivado o *low-level* ataque de pequenos grupos e o chamado terrorismo individual. A mensagem do movimento seria passada às massas pelas declarações dos líderes via *media*, propagando o modelo de herói mártir, e humilhando o inimigo com ataques violentos e bem sucedidos (Lia, 2009: 13-14).

A partir de agora, podemos verificar que, tendo sempre como objectivo máximo o Califado, o movimento tem como premissa uma acção puramente subversiva assente em dois pontos. O primeiro ponto passa pela provocação do inimigo e atacá-lo em terreno favorável, enfraquecendo-o e desprovendo-o dos seus aliados; o segundo, pela mobilização das massas em prol da causa, através de *slogans* populistas e de estudadas campanhas mediáticas.

No que diz respeito ao primeiro ponto, tal como já dissemos anteriormente, a vitória não foi totalmente estabelecida, tirando num certo período de tempo antes

24 Pela acção armada, por exemplo, não só se ia definindo o teatro de operações (demonstrando vulnerabilidade governamental, apoio da população...), bem como o inimigo (do local para o global, por ex.). Se atentarmos a ambos os casos, podemos notar, com relativa facilidade, uma certa mutação estratégica. (sobre a componente simbólica e a dimensão comunicacional da acção armada jihadista cf. Baudrillard, 2002; Duarte, 2007 e Tuman, 2003).

25 Referimo-nos à “Declaração de Guerra contra os Americanos que Ocupam os Lugares Santos”, de 1996; e à “Declaração da Frente Islâmica Mundial para a Guerra Santa contra os Judeus e os Cruzados”, publicada em Fevereiro de 1998 no jornal árabe publicado em Londres, o “Al-Quds al-Arabi”.

do avanço da GGT no Afeganistão. Quase existiu durante o caos instalado no Iraque. Actualmente, a fronteira porosa do Afeganistão com o Paquistão continua santuário do Jihadismo Global. A estratégia subversiva de conquista territorial parece ter seguido alguns dos cânones da subversão, nunca tendo sido alcançado o patamar de Estado Revolucionário ou Controlo Territorial²⁶, por razões também já explicadas.

Quanto ao segundo ponto, vamos ter como objectivo primordial a unificação da *Ummah*. Os jihadistas estão cientes do papel que a comunicação estratégica tem no mundo moderno. Partindo do conceito religioso de *dawah*, que literalmente significa apelo ao Islão (proselitismo), propagam a sua mensagem e tentam doutrinar. Deixam igualmente latente a ideia de que a *jihad* é um dos pilares do Islão e uma obrigação individual de todo o muçulmano. Da mesma forma, passam a ideia de que essa obrigação também poderá ser levada a cabo através do martírio. Não será precipitado concluir que, para o movimento, a *dawah* está intimamente ligada ao conceito islâmico da *jihad* – não há proverbial separação entre palavras e actos (Stout *et al.*, 2008: 167). Portanto, paralela a uma *jihad* de cariz militar, está uma campanha travada no campo dos *media*, que visa a unificação pela causa, a doutrinação radical e o recrutamento. De facto, aqui o sucesso parece ter vindo a ser alcançado.

Até ao despertar global do jihadismo não havia muitos registos de pensamento estratégico político-militar. Com efeito, para os combatentes, a estratégia tinha uma componente puramente religiosa. Contudo, depois de 2001, tem-se vindo a assistir ao estruturar de um pensamento estratégico jihadista de carácter mais pragmático e secular, em grande parte bebido de fontes não-islâmicas, e que passou por um escrutínio de falhas e erros cometidos anteriormente.

De certa forma, podemos dizer não que existe um pensamento estratégico jihadista, mas sim uma comunidade de pensadores que conceptualiza estratégias. A este respeito, destacamos o já referenciado al-Qurashi, que percebeu a necessidade de uma estratégia coerente para a vitória do Jihadismo Global. Nos seus trabalhos cita com frequência literatura militar ocidental, nomeadamente no que diz respeito a conceitos de guerra assimétrica. Refere-se a Robert Taber, a Mao, a William Lind (*4th Generation Warfare*) e Clausewitz. Nele está bem patente a importância do poder mediático como ponto nodal do conflito, sendo que a vitória terá que ser mais mediática que militar (Zabel, 2007: 9; Stout, 2008: 116 e 129-130).

Num registo de continuidade temos Abu-Bakr Naji, sobre quem nada se sabe e que, em 2005, escreveu “Gestão da Barbárie”. Este manual, de configuração muito

26 Muito embora se tenha proclamando o “Estado Islâmico do Iraque”, tal não passou de uma coligação de grupos insurgentes liderada pela AQ, que em nada tinha a ver com um Estado.

precisa, estabelece os princípios de condução de uma guerra de guerrilha, a corrosão do inimigo e a adesão da população à bandeira da rebelião, com vista ao estabelecimento de um Estado Islâmico. Sublinha, como tática, ataques a infra-estruturas sensíveis (petróleo, turismo...) e a atracção do inimigo a terrenos geograficamente favoráveis aos insurrectos (Naji, 2006).

A título de exemplo, podemos também referir o estudo anónimo “*Jihad no Iraque: Esperanças e Perigos*”, que, de uma forma muito pragmática e analítica, explica como deveria proceder a resistência iraquiana para derrotar o governo de Maliki e as forças da coligação (Lia e Hegghammer, 2004).

Deixámos para último aquele que pensamos ser o mais prolífico e completo de todos os estrategas do jihadismo e que, por isso, pode representar uma ameaça mais premente. Estamos a falar de Abu Musab Al-Suri, sírio que, também em 2005, publica “Apelo a uma Resistência Islâmica Global”. Partindo do preceito *nizam, la tanzim* (sistema, e não organização), este estratega sugere que a AQMA, ponta da espada do Jihadismo Global, deveria assentar numa base central bastante reduzida que apenas servisse de fio condutor ideológico a diversas células espalhadas pelo mundo (Lia, 2009: 1-28). Teríamos então como que uma subversão global sem liderança, sem estrutura fixa e sem cadeia de comando.²⁷ Seria uma construção fluida, difusa, sem hierarquia e cuja ligação entre os diversos grupos organizacionais se basearia num sistema ideológico. Neste sistema está evidente uma resposta a acções contra-terroristas que decapitaram a AQMA.

Com efeito, verifica-se que o ambiente hostil ao Jihadismo Global levou a uma democratização do movimento subversivo, levando a que este se organizasse não da cúpula para as bases, mas vice-versa. Sendo que, por necessidade de comunicação, os *media*, nomeadamente a internet, se revelam fundamentais. Esta *jihad* sem líder, preconizada por al-Suri, é umas das principais características daquilo a que Marc Sageman chama de 3ª *Jihad* (2008: 125-146). Temos então uma estrutura que, para sobrevivência, tem que passar a sistema, dependendo mais da componente ideológica do que dos alicerces organizativos (ideologia como centro de gravidade). Al-Suri parece ser cada vez mais seminal.

Estas três visões ilustram, mas não exemplificam, algumas das polémicas doutrinas que sempre estiveram por detrás do Jihadismo Global. Desde sempre houve

27 Note-se que esta ideia de resistência sem liderança não é de todo inovadora. Havia sido pensada por Louis Beam, extremista da direita americana, que procurou promover a dissolução de organizações e o conceito de resistência sem líder na Causa Racial, nos Estados Unidos. Usando este conceito cria uma rede que se organiza através de células fantasmas e da acção individual do seus membros (sobre este assunto, entre outros, ver Guedes, 2007; Kaplan, 1997; Sageman, Marc, 2008).

tensões, mas que se começaram a evidenciar mais nos discursos depois da GGT (Brown, 2007). Há clivagens entre pragmáticos e dogmáticos; os que querem uma estrutura centralizada contra os que preconizam a descentralização; e entre os operacionais e os líderes teóricos. Tudo isto tendo a montante o desacordo entre os objectivos imediatos e uma estratégia a longo prazo.

Mas fazendo jus à honestidade intelectual, devemos ter em conta que entre o Corão e a Suna se poderá encontrar o conceito de *jihad* como grande estratégia e como aplicação de força num determinado teatro. Sobre este assunto há que destacar a obra do paquistanês S.K. Malik (1979), que tenta conceber uma forma corânica de guerra. Todavia, o que se quer dizer é que hoje, comparativamente às décadas anteriores, o jihadismo, embora estrategicamente ainda incoerente, procura organizar-se de acordo com objectivos estratégicos e não somente com a capa religiosa que leva atrás. Para além de que, se analisarmos com atenção os escritos dos supracitados “estrategas”, parecem ter bem presente que o sucesso da grande estratégia dependerá da correcta utilização da força.

Especificando um pouco mais, podemos dizer que os escritos dos autores mais proeminentes do Jihadismo “clássico”, como Hasan Al-Bana, Sayyid Qutb, Abdulah Azzam, Ayman al-Zawahiri, Usama Bin Laden, entre outros, das duas, uma: ou se focam na grande estratégia ou então entram por questões puramente técnicas e operacionais (Keppel, 2009). Sendo demasiadamente ideológicos e filosóficos, não dão margem para uma estratégia militar jihadista, falhando na instrução do procedimento jihadista em guerra, ao nível de estratégia, operações e táticas. Autores como al-Qurashi, al-Naji e al-Suri vêm apresentar uma metodologia de guerra jihadista e procuram estabelecer uma doutrina de combate coerente e comum. Na nossa perspectiva são os primeiros a conceptualizar para o jihadismo aquilo que em linguagem militar ocidental se chama de arte operacional.²⁸ Se os dois primeiros se

28 Por arte operacional entenda-se uma teorização, de origem soviética e adaptada pelas forças armadas dos EUA e OTAN no final dos anos 80, sobre a melhor forma de associar as acções táticas à consecução dos objectivos estratégicos. Dito de outra forma, tem como ponto de aplicação o teatro de operações e procura definir o espaço surgido entre os níveis estratégico e tático. Embora se situe entre estes dois níveis, está separada deles e do foro mais criativo – é “arte” e não “ciência”. Da arte operacional formulam-se os princípios de guerra e doutrinas de combate, interpretam-se os objectivos estratégicos vertendo-os em acções táticas, e é estágio de debate de ideias e ponto de comunicação entre comandantes e subalternos. De acordo com o Dicionário de Termos Militares do Departamento de Defesa dos EUA (DoD, Joint Publication 1-02: 342), arte operacional pode ser definida como “a aplicação de uma imaginação criativa por comandantes e subalternos – baseada na sua habilidade, conhecimento e experiência – para desenhar estratégias, campanhas e grandes operações e organizar e empregar forças militares. Arte operacional integra os fins, os modos e os meios em todos os níveis da guerra.” (tradução livre do autor, no original – “*The application of creative imagination by commanders and*

revelam mais ameaçadores para Estados em situação de quase colapso, o último, mais abrangente e conceptual, tem influência directa na forma de actuação do Jihadismo Global nos Estados ocidentais, onde não há frente de combate aberta.

Cientes de que uma boa táctica não é sinónimo de sucesso ao nível estratégico, estes jihadistas procuram criar um mecanismo que garanta um uso eficiente da força. Isso ainda se verificava quando havia uma cadeia sólida de comando e controlo que garantia a transmissão certa da mensagem operacional e estratégica. Com a decapitação das cúpulas e o ruir da estrutura tal tornou-se quase impossível. Perante isso, sentiu-se a urgência de criar um mecanismo que actue sem necessidade de hierarquia ou autoridade, ao jeito da “mão invisível” de Adam Smith (Gray, 1999: 16-20)

Conclusão

Começámos este estudo com uma explanação de alguns conceitos considerados essenciais para a compreensão do Jihadismo Global. Com este enquadramento teórico procurámos demonstrar a dificuldade da abordagem conceptual, não só pela porosidade dos termos, mas também pelo carácter político e religioso que assumem, toldando-nos, por vezes, a precisão de análise.

Como se pôde verificar, assumimos que este movimento nunca teve uma estratégia bem definida. Remontando da origem até à contemporaneidade pós-11 de Setembro podemos ver uma narrativa fundamentadora de uma grande estratégia que permanece inalterável, uma estratégia incoerente e fluida, e por fim uma componente operacional assente em cambiantes variáveis. Nos anos 80 e 90, quando ainda se procurava a globalização de um ainda incipiente movimento, a ausência de uma espinha dorsal estratégica não se fazia sentir. Por uma cadeia de comando e controlo bem definida e pela dimensão simbólica da violência, a cúpula pensante e organizativa passava bem a mensagem “estratégica” ao operacional.

Contudo, pela acção da GGT, essa estrutura rui. Mas o movimento continua, e há também que ter em consideração que, em determinadas zona geográficas, uma pequena estrutura de comando e controlo insiste ainda em persistir. Mas, para uma acção global, essas “pequenas” estruturas não chegam.

staffs – supported by their skill, knowledge, and experience – to design strategies, campaigns, and major operations and organize and employ military forces. Operational art integrates ends, ways, and means across the levels of war.”) Sobre arte operacional vejamos, a título de exemplo, Adamsky, 2009: 1-19; Barnett, 1996; Gray, 1999; Luttwak 1980: 61-79; McKerchrer e Hennessy, 1996).

Assim, de forma a superar esse lapso, o centro de gravidade tende a definir-se cada vez mais na ideologia. Neste âmbito, depois de 2001, começa a assistir-se a uma crescente ligação a movimentos locais e à consequente hibridação ideológica – procura de apoio populacional e possível refúgio territorial. Por outro lado, a violência assume um poder ainda mais simbólico e a internet revela-se crucial como plataforma de comunicação – ausência de corpo estrutural e de linhas estratégicas que definam a acção.

Então, para catalisar esta dispersão e rentabilizar o uso da força, procura-se agora criar uma doutrina de combate que estabeleça a ponte entre uma grande estratégia e a dimensão operacional. Em termos militares podemos dizer que a comunidade estratégica jihadista está a tentar criar uma arte operacional.

Embora este termo esteja associado a princípios de guerra convencional entre forças regulares, devido à natureza dos conflitos de hoje, este mecanismo pode muito bem ser adaptado por poderes não efectivos e erráticos. Neste caso específico, surge como resposta ao amorfismo estratégico e à ausência de comando. Esta quase arte operacional jihadista vem conceptualizar sobre a melhor forma do uso da força na *jihad*, criando e desenvolvendo uma doutrina/teoria de guerra que até então não havia.

O Jihadismo Global, para subsistir enquanto movimento, não poderá estruturar-se em torno de uma hierarquia, nem de uma cadeia de comando – torna-o vulnerável. Por outro lado, a sua inexistência dificulta a comunicação de doutrina, fragmentando-o com facilidade à medida que o tempo passa. Ciente desta situação, al-Suri preconiza, como foi referido, um método para a operacionalidade e não uma organização para a acção. Assim sendo, a arte operacional acaba por ser aquilo que os teóricos da descentralização do movimento procuram, substituindo o comando e controlo por um programa doutrinário mais coerente, conceptualize o uso da força e crie uma teoria para a vitória.

Bibliografia

Monografias:

Appleby, Scott R., 1999. *The Ambivalence of the Sacred: Religion, Violence, and Reconciliation*; Rowman & Littlefield Publishers.

Aron, Raymond, 2003. *Peace and War: a Theory of International Relations*; trad. ing.; New Jersey: Transaction Publishers.

- Baudrillard, Jean, 2002. *O Espírito do Terrorismo*; trad. port.; Porto: Campo das Letras.
- Bergen, Peter, 2001. *Holy War Inc.: Inside the Secret World of Osama bin Laden*; Londres: Phoenix.
- Brachman, Jarret M., 2009. *Global Jihadism: Theory and Practice*; Londres: Routledge.
- Brachman, Jarret M. e McCants, William, 2006. *Stealing Al-Qaida's Playbook*; West Point, Nova Iorque: CTC Press.
- Brown, Vahid, 2007. *Cracks in the Foundation: Leadership Schisms in Al-Qaida 1989–2006*; West Point, Nova Iorque: CTC Press.
- Clausewitz, Carl von, 2008. *On War*, Book I; trad. ing.; Digireads.com Publishers.
- Coker, Christopher, 2002. *Waging War Without Warriors? The Chancing Culture of Military Conflict*; Londres: Lynne Rienner.
- Cook, David, 2005. *Understanding Jihad*; Berkeley: University of California Press.
- Dekmejian, Hrair R., 1985. *Islam in Revolution: Fundamentalism in the Arab World*; Syracuse: Syracuse University Press.
- Duarte, Felipe Pathé, 2007. *No Crepúsculo da Razão: Considerações Sobre o Terrorismo Pós-Guerra Fria*; Lisboa: Prefácio.
- Echevaria, Antulio, 2003. *Globalization and the Nature of War*; Strategic Studies Institute; US Army War College.
- Etienne, Bruno, 1987. *L'Islamism Radical*; Paris: Hachete.
- Gerges, Fawaz, 2005. *The Far Enemy – Why Jihad Went Global*; Cambridge, RU: Cambridge University Press.
- Gray, Collin, 1999. *Modern Strategy*; Nova Iorque: Oxford University Press.
- Guedes, Armando Marques, 2007. *Ligações Perigosas – Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*; Coimbra: Edições Almedina.
- Gunaratna, Rohan, 2004. *No Interior da Al-Qaeda: Rede Global de Terror*; Lisboa: Relógio d'Água.
- Habeck, Mary, 2006. *Knowing the Enemy: Jihadist Ideology and the War on Terror*; New Haven: Yale University Press.
- Hammes, Thomas, 2004. *The Sling and the Stone – on war in the 21st Century*. Zenith Press.

- Hoffman, Bruce, 2007. *Inside Terrorism*; Nova Iorque: Columbia University Press.
- Juergensmeyer, Mark, 2001. *Terrorismo Religioso – El auge global de la violencia religiosa*; trad. esp.; Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- Kelsay, John, 1993. *Islam and War: a Study in Comparative Ethics*; Louisville, Kentucky: Westminster/John Know Press.
- Kepel, Giles, 2002. *La Yihad: Expansión y Declive del Islamismo*; trad. esp.; Barcelona: Ediciones Península.
- Lia, Brynjar, 2006. *The Society of the Muslim Brothers in Egypt: The Rise Of an Islamic Mass Movement 1928-1942*; Ithaca Press.
- _____, 2009. *Architect of Global Jihad: The Life of Al-Qaeda Strategist Abu Mus'ab Al-Suri*; London: Hurst Publishers.
- _____, 2009. "Does al-Qaida Articulate a Consistent Strategy? A Study of al-Qaida Leadership Statements, 2001-2008", *FFI's Terrorism Research Group*.
- McKerchrer, B. J. C. e Hennessy, Michael A., 1996. *The Operational Art: Developments in the Theories of War*; Londres: Praeger Press.
- Mitchell, Richard P., 1993. *The Society of the Muslim Brothers*; Oxford University Press.
- Moussalli, Ahmad S., 1994. *Radical Islamic Fundamentalism: The Ideological and Political Discourse of Sayyid Quthb*; Syracuse: Syracuse University Press.
- Nasiri, Omar, 2006. *Inside the Global Jihad – how I infiltrated Al Qaeda and was abandoned by Western Intelligence*; Londres: Hurst & Co.
- O'Neil, Bard, 1990. *Insurgency & Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare*; Washington, DC: Brassey's.
- Pape, Robert, 2005. *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*; Nova Iorque: Random House.
- Sageman, Mark, 2004. *Understanding Terror Networks*; Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____, 2008. *Leaderless Jihad: Terror Networks in the Twenty First Century*; Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Tuman, Joseph S., 2003. *Communicating Terror – The Rhetorical Dimensions of Terrorism*; Londres: Sage Publications.
- Weber, Max, 2004. "Politics as a Vocation", *The Vocation Lectures*; trad. ing.; Cambridge: Hackett.

Wieviorka, Michel, 1988. *The Making of Terrorism*; trad. ing.; Chicago: The University of Chicago Press.

_____, 2009. *Violence – A New Approach*; trad. ing.; Londres: Sage Publications.

Williams, Paul L., 2002. *Al Qaeda: Brotherhood of Terror*; Nova Iorque: Alpha.

Zabel, Sarah E., 2007. *The Military Strategy of Global Jihad*; Strategic Studies Institute; US Army War College.

Contribuições em Monografias

Adams, Charles, 1983. "Mawdudi and the Islamic State", in Esposito, John (coord.), *Voices of Ressurgent Islam* (pp. 99-133); Oxford University Press.

Cozzens, Jeffery B., 2007. "Approaching Al-Qaeda's Warfare: Function, Culture, and Grand Strategy," in Ranstrop, Magnus (coord.). *Mapping Terrorism Research: State of the Art, Gaps, and Future Direction* (pp. 127-164); Londres: Routledge.

Haddad, Yvone Y., 1983. "Sayyid Qutb: Ideologue of Islamic Revival", in Esposito, John (coord.), *Voices of Ressurgent Islam* (pp. 67-98); Oxford University Press.

Hegghammer, Thomas, 2009. "Jihadi Salafis or Revolutionaries? On Religion and Politics in the Study of Islamist Militancy"; in Meijer, R. (ed), *Global Salafism: Islam's New Religious Movement* (pp. 244-266); Londres/Nova Iorque: Hurst/Columbia University Press.

Keppel, Gilles and Millelli, Jean-Pierre [Coord.], 2009. *Al-Qaeda in its Own Words*; trad. ing., Harvard University Press.

Smith, Paul, 1989. *On Political War*; Washington DC: National Defense University.

Sourdel, Dominique e Janine, 1996. *Dictionnaire Historique de l'Islam*; Paris : Presses Universitaires de France.

Stout, Mark et al., 2008. *The Terrorist Perspectives Project – Strategic and Operational Views of Al Qaida and Associated Movements*; Annapolis, Maryland: Naval Institute Press.

VVAA, 2006. *Beyond Al-Qaeda – The Global Jihadist Movement*; RAND Corporation.

Artigos de Publicações em Série

Adamsky, Dima, 2009. "Jihadi Operational Art: The Coming Wave of Jihadi Strategic Studies"; *Studies in Conflict & Terrorism*, 33: 1.

- Byman, Daniel L., 1996. "Friends Like These: Counterinsurgency and the War on Terrorism"; *International Security*; Vol. 31, No. 2.
- Crenshaw, Martha, 2007. "Explaining Suicide Terrorism: A Review Essay," *Security Studies* 16(1).
- Garcia, Francisco Proença, 2007. "Descrição do Fenómeno Subversivo na Actualidade. A Estratégia da Contra-Subversão – Contributos Nacionais"; *Estratégia*, vol. XVI; Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica.
- Hegghammer, Thomas, 2009. "The Ideological Hybridization of Jihadi Groups", *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 9.
- Kaplan, Jeffrey, 1997. "Leaderless Resistance"; *Terrorism and Political Violence*; Volume 9, Issue 3.
- Kilcullen, David, 2005. "Countering Global Insurgency"; *Journal of Strategic Studies*; Vol. 28, No. 4.
- Lia, Brynjar e Hegghammer, Thomas, 2004. "Jihadi Strategic Studies: The Alleged Al Qaida Policy Study Preceding the Madrid Bombings," *Studies in Conflict and Terrorism*, nº27.
- Luttwak, Edward, 1980. "The Operational Level of War," *International Security* 5(3).
- Merari, Ariel, 1993. "Terrorism as a Strategy of Insurgency"; *Terrorism and Political Violence*; vol. 5, no. 4.
- Paz, Reuven, 2002. "Middle East Islamism in the European Arena"; *Middle East Review of International Affairs* 6(3).
- Rubin, Barry, 1998. "Islamic Radicalism in the Middle East: A Survey and Balance Sheet," *Middle East Review of International Affairs* 2, no. 1.
- Shultz, Richard, 2008. *Global Insurgency Strategy and the Salafi Jihad Movement*; INSS Occasional Paper 66 – USAF Institute for National Security Studies.
- Wiktorowicz, Quidan, 2006. "Anatomy of the Salafi Movement," *Studies in Conflict and Terrorism* 29, no. 3.

Relatórios

- Barnett, Roger W., 1996. *Strategy, Operational Art, Tactics, Concepts and Doctrine*; US Naval War College – Strategic Research Department, Research Report 4-96.

Hoffman, Bruce, 2006. "Islam and the West – Searching for a common ground"; *Rand Testimony*, CT-263.

International Crisis Group, (Middle East/North Africa Report N°37 – 2 March 2005).

MacCants, William, 2006. *Militant Ideology Atlas, Research Compendium*; Nova Iorque: Combating Terrorism Center, West Point.

Morris, Michael F., 2005. *Al-Qaeda as Insurgency*; U.S. Army War College Strategy Research Project – Unclassified Report; U.S. Army War College, Carlisle Barracks, Carlisle.

Precht, Tomas, 2007. *Home Grown Terrorism and Islamist Radicalization in Europe – From Conversion to Terrorism*; Research report funded by the Danish Ministry of Justice.

Textos Jihadistas

Azzam, Abdullah, 2001. *Join the Caravan*; trad. ing.; Londres: Azzam Publications.

Malik, S. K., 1979. *The Quranic Concept of War*; Wajidalis Lahore: Associated Printers and Publishers.

Maududi, Syed Abul A'ala, 2006. *Jihad in Islam*; trad. ing.; Beirut: The Holy Koran Publishing House Adams,

Naji, Abu Bakr; *The Management of Savagery – The Most Critical through Which the Umma Will Pass* (trad. por William McCants, 2006), disponível em http://ctc.usma.edu/publications/pdf/Management_of_Savagery.pdf, (acedido em Agosto de 2010).

Qutb, Sayyid, 2010. *Milestones*; trad. ing.; Nova Deli: Islamic Book Service.

Documentos Oficiais

Estado-Maior do Exército, 1966. *Exército na guerra subversiva*; Regulamento, I Generalidades. Lisboa.

Joint Publication 1-02, *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*, 12 April 2001, as amended through April 2010.